

Recensões

O vírus-cinema: cinema queer e VIH/sida

Alfredo Taunay Colins¹



Cascais, António Fernando & Ferreira, João (org.). 2018. *O Vírus-Cinema: Cinema Queer e VIH/sida*. Lisboa: Associação Cultural Janela Indiscreta. 226 pp.

O termo *New Queer Cinema*, ou simplesmente *Cinema Queer*, foi cunhado pela crítica e teórica cinematográfica B. Ruby Rich no ano de 1992, quando esta publicou o artigo intitulado *Uma sensação Queer (A Queer Sensation)* na Revista *Village Voice*. No mesmo ano, o texto seria republicado com o título *The New Queer Cinema* como artigo principal de uma seção especial da revista *Sight and Sound*. A autora utilizou o termo para se referir a um conjunto de filmes de temática LGBT que

¹ Labcom.IFP/Faculdade de Artes e Letras. Universidade da Beira Interior, 6201-001 Covilhã, Portugal. Bolseiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, CEP 65075-340 São Luís, Maranhão, Brasil.

invadiu alguns dos principais festivais de cinema do mundo, como Sundance, Amsterdã e Toronto, por exemplo. Era a primeira vez que tantos filmes que faziam referência a estas sexualidades e gêneros eram produzidos em um intervalo tão curto de tempo e tal fato não passou despercebido a B. Ruby Rich. “Estas novas propostas romperam com uma longa linhagem de representações de personagens *queer*, não apenas durante as décadas opressoras do Código Hays em Hollywood, mas do próprio chamado ‘cinema gay’ da década de 1980” (Cascais & Ferreira 2018, 74). E não por coincidência, a epidemia de VIH/sida foi um tema recorrente em muitos desses filmes denominados Cinema *Queer*.

A teórica Monica Pearl, no seu texto incluído em *New Queer Cinema: a critical reader* (23; New Brunswick: Rutgers University), assegura “que o SIDA deu origem ao que nós chamamos de *New Queer Cinema*”. O que é confirmado por Michele Aaron, na introdução à mesma obra (3-14), ao afirmar que o “*New Queer Cinema* não pode ser removido do contexto da epidemia do SIDA” (6; tradução livre). Mas por que a doença é tema recorrente nessas obras de temática LGBT? A resposta pode ser encontrada no artigo “Primeiras ficções sobre o VIH/sida: *Buddies, An Early Frost* e *Parting Glances*”, da autoria de João Ferreira, o primeiro dos 25 que compõe o livro “O vírus-cinema: cinema *queer* e VIH/sida”:

A 3 de julho de 1981, é publicado o famigerado artigo do *The New York Times*, com o título ‘Rare cancer seen in 41 homosexuals’, dando início não apenas à introdução no espaço público daquela que viria a ser uma das mais mortais epidemias da história contemporânea, mas também ao começo de um implacável estigma social que, desde a primeira hora – e em larga medida até aos dias de hoje –, associa a epidemia do VIH/sida aos homossexuais. (Cascais & Ferreira 2014, 14).

Após a publicação do artigo do *New York Times* ficou a ideia do sida como um castigo para aqueles que desafiam a norma heterossexual socialmente imposta. A população passou a responsabilizar homossexuais pelo desenvolvimento da doença, tendo como consequência o aumento do preconceito. Tal fato estimula um grupo de cineastas, alguns *gays* assumidos, como Gus Van Sant, Todd Haynes, Derek Jarman e tantos outros, a usarem o cinema como arma para combater a discriminação e mostrar, através de seus filmes, a homossexualidade de forma tão natural quanto a heterossexualidade. “Mais do que lutar contra o sistema, esses primeiros filmes concentraram-se, precisamente, na questão da representação, de um resgate do corpo e da sexualidade a esse estigma” (15).

Nos anos que sucederam, a temática VIH/sida continuou a ser apresentada em filmes enquadrados no denominado Cinema *Queer*. É sobre alguns desses filmes que o livro “O vírus-cinema: cinema *queer* e VIH/sida” apresenta uma análise. Não se trata exatamente de um livro acadêmico, entretanto, é uma obra de enorme importância para

investigadores do Cinema *Queer* e de filmes que retratam o VIH/sida pois faz um importante levantamento de obras relevantes sobre a temática. A obra é uma iniciativa da Associação Cultural Janela Indiscreta, organizadora do Festival Internacional de Cinema *Queer* de Lisboa. Foi organizado por António Fernando Cascais e João Ferreira e é resultado de uma pesquisa para organizar uma mostra de filmes e exposição que aconteceu dentro do programa da 23.^a edição do Festival. Ambos já haviam organizado anteriormente o livro *Cinema e Cultura Queer* (2014; Lisboa: Associação Cultural Janela Indiscreta), uma compilação de artigos sobre o Cinema *Queer* mundial e nacional, que traz reflexões sobre obras relevantes e também sobre o Festival *Queer* Lisboa e suas secções (*Queer Art*, *Queer Focus*, *Queer Pop* e *Hard Nights*), e um capítulo dedicado à cinematografia *gay* portuguesa da década de setenta.

António Fernando Cascais e João Ferreira convidaram profissionais de diversas áreas, entre médicos, ativistas, produtores e críticos de cinema, para escreverem cada um sobre um filme que aborda a temática do VIH/sida. Não se trata de artigos que seguem critérios metodológicos para a análise dos filmes, mas de ensaios com reflexões pessoais que cada autor faz das obras. Entretanto, a falta de rigor metodológico não diminui a relevância dos ensaios, cujos textos incidem sobre a forma como a temática do VIH/sida foi apresentada nos filmes. Questões sobre estética, montagem e direção, por exemplo, são abordadas de forma secundária. De modo geral os ensaios são direcionados para as longas-metragens, todavia alguns autores incluem em seus textos breves análises de curtas-metragens que consideram expressivas e que dialogam com a longa, foco da análise.

Três ensaios se diferenciam dos demais por não serem focados particularmente em uma ou duas obras, mas em realizadores. Em “O Pornógrafo Moral” (40-46), de Tom Kalin, o autor conta um pouco de sua trajetória, da influência de Andy Warhol em seu trabalho e sua tentativa de produzir o que ele denomina “pornografia moral”. Jerry Tartaglia, no texto “Sida: Memórias, Cinema e Esperança” (52-56), discorre sobre o cinema experimental e *underground* inserido no apogeu da crise do sida. O autor relata e analisa seu percurso profissional inserido nesse contexto. Já o ensaio intitulado “O meu Derek” (64-66), de Mike Hoolboom, é um texto curto e apaixonado do autor sobre a sua admiração pelo espólio cinematográfico do cineasta Derek Jernan, morto em 1994 por consequência do sida.

Considerando que não foram apenas estudiosos do cinema que escreveram, temos discursos bem diversificados, com ótimas abordagens sobre os efeitos sociais e psicológicos sofridos por seropositivos e os que convivem com eles. Dentre os convidados é relevante destacar nomes como Tom Kalin, Jerry Tartaglia e James Mackay, realizadores e produtores que fazem parte da primeira vaga de filmes do *New Queer Cinema* e que são elementos importantes da história dessa cinematografia.

A maioria dos ensaios versam sobre filmes estrangeiros. Desde documentários e obras experimentais, como *Silverlake Life: The View from Here* (Tom Joslin & Peter Friedman, 1993), a *mainstreams* como *Philadelphia* (Jonathan Demme, 1993) e *Dallas Buyers Club* (Jean-Marc Vallée, 2014). Entretanto, destacamos o artigo “Efeitos Secundários, ou como a discriminação mata”, da autoria de Maria José Campos e Pedro Silvério Marques, que faz reflexões sobre a discriminação sofrida pelos portadores de VIH/sida a partir da obra portuguesa *Efeitos Secundários* (2009), do realizador Paulo Rebelo, co-argumentista de *O Fantasma* (2000) e *Odete* (2005), ambos realizados por João Pedro Rodrigues. Segundo os autores, “a mais valia deste filme é a de identificar o que é, e ainda hoje se mantém, como o mais evidente e persistente efeito secundário da infeção pelo VIH, a discriminação e exclusão social” (124).

Além dos ensaios com análises dos filmes, o livro encerra com uma lista cronológica que traz os principais acontecimentos que marcaram a história da epidemia no mundo e em Portugal. Traz também uma filmografia e videografia com títulos de produções mundiais de curta e longa-metragem (incluindo produções feitas para a TV). Esta lista é uma compilação quase exclusiva de obras que compõem o Cinema *Queer*. Entretanto, segundo João Ferreira (202), abrange também obras que abordam temas *queer* relacionados ao VIH/sida ligadas aos hemofílicos, utilizadores de drogas intravenosas, heterossexuais, transmissão de mãe para filho, entre outros, que os organizadores compreenderam como relevantes para uma leitura mais alargada das problemáticas do VIH/sida nas comunidades *queer*.